FAGUNDES DE MENEZES

DOIS DISCURSOS EM NATAL

82(813.5)-5
M511d
1984 / Ex.01 F000199

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
1984 — Ano do Centenário de José Augusto

FARN

Discursos pronunciados por Fagundes de Menezes, em Natal, o primeiro em junho de 1982, quando lhe foi entregue, na Câmara Municipal da Capital do Rio Grande do Norte, o título de Cidadão Natalense, e o segundo, em fevereiro de 1983, por ocasião da entrega a Luís da Câmara Cascudo da Medalha Peregrino Júnior, **da União Brasileira de Escritores.**

RB- 23.737
FARN
BIBLIOTECA
Nº Reg. F001199
11, 08, 05
F
82(813.2)-5
M511d
1984

MEDALHA PEREGRINO JUNIOR

A União Brasileira de Escritores, ao fazer, neste momento, a entrega da Medalha Peregrino Júnior a Luiz da Câmara Cascudo, não está apenas prestando uma homenagem a uma das mais altas, queridas e respeitadas personalidades da cultura nacional, mas honrando a si própria, no cumprimento de um dos seus objetivos, que é a manifestação do seu reconhecimento a quantos — segundo reza o regulamento para concessão da Medalha — prestaram, no decorrer de sua vida, relevantes serviços a nossa literatura.

Permitam-me dizer, de modo sucinto, o que é a União Brasileira de Escritores. Isso me parece necessário porque, embora sejam numerosos os intelectuais que se esforçam no sentido de estabelecer um constante e produtivo intercâmbio entre escritores e associações de escritores dos vários Estados, constituímos ainda umas "ilhas culturais", não apenas "ilhas literárias". E, sem exagero, pode-se afirmar que a maioria dos intelectuais do Rio Grande do Norte ignora o que se passa, por exemplo, nos meios culturais paraibanos. E vice-versa. Por isso é compreensível que a trajetória da UBE, ao longo dos seus quase 25 anos de existência, não seja devidamente conhecida em todo o país.

Relembro que em agosto de 1958 um grupo de escritores, à frente dos quais Peregrino Júnior, resolveu criar uma associação que congregasse o maior número possível daqueles que, enfrentando as maiores dificuldades, se dedicavam às atividades literárias no Brasil. Assim, vimos surgir a União Brasileira de Escritores, cujo Estatuto, em seu artigo 1º. estabelece que a instituição "é uma sociedade civil, constituída por autores de qualquer gênero literário, com um ou mais livros publicados ou atividade

militante na imprensa brasileira". E diz o artigo 2º.: "A UBE visa a amparar os direitos morais dos seus associados, representando-os junto a editores de livros, jornais e outras organizações empenhadas na divulgação de suas obras por quaisquer meios", enquanto o artigo 37 tem a seguinte redação: "A UBE é uma entidade apolítica e laica, na qual não poderão ser debatidos assuntos partidários e religiosos, nela cabendo escritores de quaisquer convicções filosóficas e políticas".

Ao ser fundada a UEB, o país se encontrava num clima da mais ampla liberdade democrática. E a entidade pôde, sem quaisquer restrições, realizar seminários, conferências e, sobretudo, encontros de escritores de todo o país, encontros memoráveis, para cuja realização muito se esforçaram entre outros, Peregrino Júnior, Eneida, Jorge Amado, Valdemar Cavalcanti e Stella Leonardos. Com o eclipse das liberdades públicas, durante quase duas décadas, a UEB se viu forçada a limitar suas atividades, que agora voltam a se agilizar, pois, inegavelmene, estamos caminhando no sentido da restauração da democracia no Brasil.

Mas nada nos impediu de mantermos o Prêmio Fernando Chinaglia, para cuja criação contribuiu de maneira decisiva Orígenes Lessa, o admirável escritor que é também um dos fundadores da União Brasileira de Escritores. O Prêmio Fernando Chinaglia, hoje de repercussão internacional, vem sendo concedido, ininterruptamente, desde 1960, sob os auspícios da Empresa Fernando Chinaglia, que tem incrementado e apoiado a UEB, com a maior eficiência e dedicação.

Esse prêmio já foi concedido a alguns dos nossos maiores escritores e tem contribuído para revelar e projetar valores novos. Destes, não são poucos os que se firmaram e se tornaram conhecidos nacionalmente.

FARN

Recentemente, instituímos a Medalha Peregrino Júnior. Com essa iniciativa, procuramos render uma homenagem, que esperamos duradoura, a um dos fundadores da UBE e seu primeiro presidente; ao grande escritor — ensaísta e ficcionista, renovador do conto regionalista, sem falar no professor universitário, no autor de importantes trabalhos científicos, no médico famoso e excessivamente humanitário, no companheiro cordial e solícito — que honra e dignifica o nosso país —; render essa homenagem e, ao mesmo, manifestar o nosso reconhecimento a personalidades e instituições que tenham prestado ou venham prestando contribuição valiosa e marcante ao desenvolvimento da literatura brasileira.

A UBE, na penúltima reunião de sua diretoria, resolveu conceder, por unanimidade, a Medalha Peregrino Júnior de 1982 a Luís da Câmara Cascudo e a correspondente ao ano de 1983 a Alceu Amoroso Lima. Lembro-me de que, numa das minhas visitas a Cascudo, ele me pediu que transmitisse um recado a Alceu Amoroso Lima: "Diga ao Tristão de Athayde que quando o seu nome é pronunciado aqui, todas as luzes se acendem, toda esta casa se ilumina". Quando regressei ao Rio, o Dr. Alceu se encontrava em Campinas, São Paulo, de modo que somente através de carta lhe dei ciência do recado de Cascudo. E o sentimento deste a respeito de Alceu Amoroso Lima creio que é o de todos os brasileiros. De modo que nem é preciso justificar a escolha do seu nome — como o de Cascudo — para receber a Medalha Peregrino Júnior.

Há criaturas humanas que atingiram tal altitude, conquistaram uma aura de admiração e respeito, seja pelo trabalho intelectual, seja pelo comportamento cívico, enfim, pelo exemplo de sua vida no campo das atividades que exercem, que é difícil, ao nos referirmos a elas, fazê-lo a não ser em tom apologético. É o caso de Alceu Amoroso Lima, de Barbosa Lima Sobrinho, de Carlos Drumond de

Andrade, de Sobral Pinto, de Teotônio Vilela. É o caso de Luís da Câmara Cascudo, o etnólogo, o historiador, o ensaísta, o memorialista, o folclorista, que plantado no chão natalense, viu seu nome projetar-se nacional e internacionalmente, sem para isso usar os recursos da autopromoção, os meios sibilinos de um cabotinismo disfarçado.

Tinha razão Eneida, a brava e inesquecível Eneida, quando afirmava no prefácio de Superstições e Costumes: "Luís da Câmara Cascudo é daqueles que honram a profissão de escritor e que, como Monteiro Lobato, podem e devem usar na carteira de identidade a profissão como título de glória: escritor".

Em palestra que fiz, aqui mesmo em Natal — cidade que é minha Pasárgada, onde me revigoro e rejuvenesço —. quando da passagem do octogésimo aniversário de Câmara Cascudo, eu afirmava: "Este homem, este escritor do Rio Grande do Norte e do mundo, não é apenas um estudioso de nossos costumes, de nossas tradições, das figuras mais representativas do nosso Estado. Ele é um participante no amplo sentido da palavra, uma criatura que se identifica e se irmana no plano intelectual, ou, mais propriamente, no plano cultural, com os nossos problemas.

Daí talvez o segredo da força que encontramos na sua obra tão numerosa e diversificada. Uma empatia, mais do que simpatia ou interesse meramente científico por tudo o que nos diz respeito, faz com que um escrior autodidata, que nunca teve, quando jovem, a oportunidade de frequentar universidades européias ou norte-americanas, seja hoje um dos nomes mais representativos da cultura brasileira".

Eu recordava então que, há cerca de trinta anos, o encontrara na Rua do Ouvidor, no Rio, namorando livros numa vitrina da Livraria Francisco Alves. E dele ouvira, depois de uma abraço caloroso, a confissão sincera: "Estou vexado pra voltar pra Natal" (ele retornava de uma viagem à Europa).

Podemos imaginar qual o ambiente desta cidade, quando o jovem escritor iniciava suas atividades, escrevendo em jornais e já se dedicando às pesquisas, à busca de conhecimentos nas fontes, sem limitar-se aos livros, às informações através de segundo ou terceiros. E na mesma palestra a que me referi, eu observava: "Devemos render nossa maior homenagem àquele que resistiu a todas as tentações, e que aqui permaneceu, mesmo em épocas nas quais o desenvolvimento cultural do Rio Grande do Norte era inexpressivo, quase inexistente, em que as oportunidades para quem se dedica às atividades intelectuais eram raras e difíceis. Pois foi em épocas tão duras e desestimulantes que Câmara Cascudo começou sua vida de escritor. E renunciou a tudo para ficar. E não diminuiu por isso a sua atividade, o seu trabalho de pesquisador incomparável e incansável. Lendo, pesquisando, estudando, não ficou limitado à cultura livresca de gabinete. Os livros lhe serviriam para amar cada vez mais a vida e cada vez mais participar dos problemas de sua terra e de sua gente. Natal estava aí mesmo, no deslumbramento de suas paisagens, no desperdício de sua luz solar, no sabor de suas frutas, no abrigo de suas árvores frondosas, nas águas do Potengi, na areia movediça e suas dunas, nas suas festas e danças populares — fandangos, bambelôs, pastoris — para prender Câmara Cascudo, para estimulá-lo em seu trabalho diário, quase diuturno".

Uma das epígrafes do importante livro de Américo de Oliveira Costa "Viagem ao Universo de Câmara Cascudo" é um dos famosos versos de Mário de Andrade

"Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta".

Cascudo talvez seja mil, na multiplicidade e na diversificação de sua obra. E também no transbordamento de sua personalidade, no seu amor ao próximo, no seu permanente estado de bem querer com a vida.

Como Pablo Neruda, o escritor norte-rio-grandense que ora homenageamos pode afirmar:

"Diante de mim só tenho sementes,
desenvolvimentos radiantes e doçura".

Porque ele é pródigo em transmissão de ensinamentos, mestre que sempre levou a seus alunos, com a simplicidade dos verdadeiros sábios, o saber pacientemente adquirido; amigo transbordante de cordialidade e afeto; ser humano solidário com as alegrias e as tristezas do seu semelhante, aconselhando: "Evite as notícias más na sua conversa".

Agora me permitam o agradecimento mais sincero da União Brasileira de Escritores aos que contribuíram para a realização desta festa: A Fundação Roberto Marinho, que através do Projeto Ciranda de Livros nos deu todo o apoio para a confecção da Medalha Peregrino Júnior e aqui representada pelo Sr. Alfredo Gonçalves; a Fundação José Augusto, na pessoa do seu presidente, Dr. Valério Mesquita; a Academia Norte-Riograndense de Letras e o Conselho Estadual de Cultura, representados pelo seu presidente, Prof. Onofre Lopes; a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, através da boa-vontade do Reitor Diógenes da Cunha Lima e do Prof. Franco M. Jasielo; a Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Norte, pelo seu eficiente secretário, o Dr. Luiz Eduardo Carneiro Costa; e a Sociedade Educativa e Cultural Umberto Peregrino, também aqui presente, na pessoa do seu dinâmico presidente, escritor Umberto Peregrino, que também representa Peregrino Júnior, nesta cerimônia.

Meu caro Luís da Câmara Cascudo:

A União Brasileira de Escritores está vivendo, agora, um dos seus maioeres momentos. Homenageando-o, está homenageando todos os escritores brasileiros.

Dizia Gilberto Amado que "um povo se assinala pelas atitudes que alguns dos seus representantes típicos tenham diante da vida e dos seus aspectos principais. Essas atitudes são no terreno moral os acidentes característicos do solo, as montanhas que definem a paisagem".

Você é um representante típico do povo do Rio Grande do Norte. Encarna muito bem a nossa gente, no que há de obstinação ante os obstáculos, de tenacidade na luta contra todos os empecilhos, de esperança sempre renovada em face de um futuro por que tanto batalhamos e que um dia há de chegar. E quando esse futuro de afirmação plena de nossa terra chegar, seja um amanhã próximo, seja em dias ainda distantes, vivo continuará você, Luís da Câmara Cascudo. Porque, como você próprio observou certa vez, numa ressonância de antigas leituras bíblicas, "a morte existe; os mortos, não".

CIDADÃO NATALENSE

Não poderiam deixar de ser as minhas primeiras palavras senão de agradecimento a esta Casa, a todos os seus membros, especialmente ao vereador Antônio Cortez, autor do projeto que, transformado em lei, também me transformou em Cidadão Natalense.

Se o vocábulo **cidadão** tem o significado de indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado, igualmente define-se como "habitante da cidade". E que tenho sido eu, em toda a minha vida, senão um habitante de Natal (ou do Natal, como ensina mestre Luís da Câmara Cascudo), por mais que daqui, durante tantos anos, viva fisicamente ausente?

Explico-me. E para minha explicação me socorro de Marcel Proust, quando num de seus livros, **No Caminho de Swann,** observava: "Mesmo sob um simples ponto de vista realista, as terras que desejamos ocupam a cada momento muito mais espaço em nossa vida verdadeira do que a terra onde efetivamente nos encontramos". E espaço, em minha vida verdadeira, Natal sempre ocupou. E o meu amor por esta terra, minha ternura pelos bairros e praias natalenses, minha quase obsessão por tudo que se prende a esta cidade — tudo isso está presente em muitas das minhas páginas, de poesia e de prosa. Assim, onde quer que eu esteja, em qualquer lugar no qual eu fisicamente me encontrar, continuarei sempre residindo em Natal, através da lembrança enternecida, da evocação de suas paisagens, da acolhida calorosa de sua gente, da recordação dos meus antepassados.

Não foi sem razão que sugeri que a honra que V. Exas. me concedem, entregando-me hoje o título de Cidadão Natalense, ocorresse a 11 de junho. Pois foi nessa data,

em 1874, que um meu tio-avô publicou o primeiro número de sua revista **Echo Miguelino,** órgão da Sociedade Miguelina e a primeira revista a circular em Natal.

De Joaquim Fagundes disse o famoso advogado e jornalista rio-grandense-do-norte, Moreira Brandão, que "não teve tempo de passar de uma grande esperança". De fato, Joaquim Fagundes morreu a 17 de agosto de 1877, com 21 anos incompletos, exatamente com 20 anos e cinco meses de idade. Nem por isso deixou de marcar sua presença na vida cultural do Rio Grande do Norte. O **Echo Miguelino,** que redigiu juntamente com José Teófilo, era, segundo assinala outro meu parente querido, o Prof. Antônio Fagundes, ""órgão literário, filosófico e instrutivo"... "Tinha colaboração bem lançada, variada, doutrinária, encerrando conceitos filosóficos e grandes ensinamentos cívicos, sociais e morais".

Também a Joaquim Fagundes, que aos 17 anos empolgava o público com suas defesas no Tribunal do Júri, deve-se o jornal **Íris,** bimensal, dedicado ao sexo feminino e que trazia como lema a seguinte frase de Mm. de Stael: "O gênio não tem sexo". "Foi ele o primeiro norte-rio-grandense que defendeu o princípo de igualdade de prerrogativas sociais entre os homens, sem distinção de sexo", como observa ainda Antônio Fagundes. A ele se deve igualmente o lançamento do periódico **Luz,** dedicado à defesa da Maçonaria.

Pioneiro em vários sentidos, numa época em que Natal, com cerca de 15 mil habitantes, possuía apenas um médico e uma farmácia, sem jornal diário, sem livraria, sem biblioteca, tendo como colégio apenas o Ateneu — onde se ensinava filosofia, Aritmética, Geometria, Francês e Latim, Joaquim Fagundes também criou seu grupo teatral e encenou várias peças. E num tempo em que as mulheres não pisavam o palco, sendo os papéis femininos desempenhados por travestis, ele teve a coragem de incluir em seu próprio

grupo uma mulher, a macauense Honória dos Santos, que depois passou a chamar-se Honória dos Reis e se tornaria sua musa e companheira.

Certa vez, Cecília Meireles, concedendo-me uma entrevista, há muitos anos publicada na revista **Manchete,** dizia: "Se há uma pessoa que possa, a qualquer momento arrancar da sua infância uma recordação maravilhosa, essa pessoa sou eu. Tudo quanto, naquele tempo, vi, ouvi, toquei, senti — perdura em mim com uma intensidade poética inextinguível".

Relembro os banhos de rio, o deslumbramento com o mar, as novenas na igreja modesta, as aulas no **Grupo Escolar Duque de Caxias,** os passeios de bote no rio Açu — tudo isso em Macau. E depois o encontro com Natal, o verde da vegetação me fascinando, as praias me envolvendo com feitiços de mulher voluptuosa, a sombra das mangueiras me abrigando maternalmente, o rio Potengi chamando-me como se fosse uma sereia líquida e límpida na sua correnteza incessante, as avenidas largas da Cidade Alta dando-me uma sensação de liberdade total.

E cada vez que essas lembranças desfilam em minha memória, tenho a impressão de mergulhar num ambiente de poesia, de pureza, de lirismo. E parece que adquiro novas forças para enfrentar a vida do trabalho intenso, as lutas que têm marcado todas as minhas atividades, desde os tempos de ginasiano, no Recife.

Se o rumo de minha vida me afastou do Rio Grande do Norte, se, infelizmente, sou obrigado a ausências prolongadas dos lugares do meu tempo de infância e juventude. Vivendo há mais de trinta anos no Rio de Janeiro, depois de uma temporada no Recife, nem por isso esqueci o meu Estado, especialmente Natal — para não falar da cidade do meu nascimento. A distância geográfica nunca implicou uma ausência efetiva ou afetiva, um esquecimento da terra

e dos conterrâneos. E a prova do que estou afirmando pode ser encontrada por quantos acompanham minhas modestas atividades literárias, minhas crônicas, meus contos, meus poemas.

Esta hora é para mim de imensa honra e alegria sem limites. Sou, agora, também um natalense como tantos parentes queridos, vivos ou mortos, que desejo homenagear neste instante, reunindo todos em um nome — um alto nome da cultura do Rio Grande do Norte e do Brasil: Peregrino Júnior. Sou um natalense igual a diletos amigos como Luís da Câmara Cascudo e Veríssimo de Melo. Natalense como os pescadores das rocas, os barqueiros do Canto do Mangue, os xarias e canguleiros das mais diversas camadas sociais. Natalense como Frei Miguelinho, Pedro Velho e Padre João Manuel de Carvalho, jornalista, político, orador famoso nas últimas décadas do século passado. Natalense como Djalma Maranhão, o extraordinário prefeito desta capital, derrubado pelo arbítrio e pela força. Natalense que nem Jorge Fernandes e, do mesmo modo que ele, amando o verão desta terra privilegiada:

"Verão — dezembro de cajuadas —
Tinindo de sol que chega a ferir a vista da gente...
Eu gosto deste verão como gosto da vida...
É quente mas de uma quentura que dá vontade
de gritar fogoso... — e a luz forte já parece um grito"

Cada vez que venho ao meu Estado me ocorrem alguns versos de um poeta canadense, Paul Morin:

"Meu filho, eu quero que um dia,
Emocionado e piedoso,
À sombra fria das grandes árvores,
Tu vás ao cemitério silencioso
Escutar a voz dos ancestrais.

Tu lhe dirás, lendo os nomes que o sol
Desbotou sobre as cruzes austeras,
Que nós conservamos seu sangue durante seu longo
sono,
Puro, sem mácula, e sem mistério".

Voltando à minha terra — e neste momento recebendo o título de Cidadão Natalense —, posso até ampliar as palavras do poeta. E, dirigindo-me não apenas aos que foram sangue do meu sangue, aos antepassados cujos corpos já se misturaram ao pó, ao pó já reverteram, mas também a todos os amigos que se imobilizaram no sono definitivo, dizer-lhes que eu sou o mesmo menino despretensioso, amando a sua terra com todas as forças, o menino fiel às lições e aos exemplos de seus pais, em sua vida modesta e digna. Posso dizer-lhes que, por onde quer que eu ande, Natal estará sempre presente na minha lembrança e no meu coração. Lembrança de todas as horas e de todos os minutos, estimulando-me, dando-me energia e determinação para prosseguir vivendo com dignidade, para continuar vivendo e agindo como um autêntico natalense.

Composto e Impresso
na Gráfica Manimbu
Natal-RN


F000199